



## **XV: As Lembranças de um Lugar Esquecido<sup>1</sup>**

José Douglas Cardoso PEREIRA<sup>2</sup>

Aline CRUZ<sup>3</sup>

Cristiane BRITO<sup>4</sup>

José Luiz de SOUZA<sup>5</sup>

Wilians ZANCHIM<sup>6</sup>

Emerson dos Santos DIAS<sup>7</sup>

Centro de Ensino Superior do Paraná (CESPAR), Maringá, PR

### **RESUMO**

Paraná, 1937. Onças, mata fechada, poeira, lama, e todas as dificuldades de uma terra nunca explorada. Estas foram às condições que os desbravadores do noroeste paranaense encontraram ao se mudarem para a região.

“XV: As lembranças de um lugar esquecido”, traz relatos de alguns pioneiros que viveram esta realidade e encontraram no vilarejo a oportunidade de tentar uma vida melhor. O documentário fala do sonho do café, da beleza das festas da época e da geada negra de 1975, que devastou os cafezais paulistas e paranaenses. Assim, o vídeo - documentário do vilarejo se faz relevante devido à escassez de documentos históricos sobre a região. Embarque nesta história!

**PALAVRAS-CHAVE:** Vídeo-documentário; Sarandi; colonização, noroeste paranaense.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Jornalismo, modalidade vídeo-documentário.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo com a graduação concluída no último semestre de 2010, email: douglas@digimaxbrasil.com.br.

<sup>3</sup> Graduada em jornalismo no último semestre de 2010, email: alinecruz.comjornalismo@hotmail.com.

<sup>4</sup> Graduada em jornalismo no último semestre de 2010, email: ane86cris@hotmail.com.

<sup>5</sup> Graduado em jornalismo no último semestre de 2010, email: jose-luiz-de-souza@hotmail.com.

<sup>6</sup> Graduado em jornalismo no último semestre de 2010, email: wilians\_zanchim@hotmail.com.

<sup>7</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, email: emersondias1@hotmail.com.



## **INTRODUÇÃO**

A fim de resgatar a história local do patrimônio Vera Cruz, hoje pertencente a cidade de Sarandi, o documentário “XV: as lembranças de um lugar esquecido” é um mergulho nas memórias dos pioneiros que relatam suas histórias desde a abertura da mata em meados da década de 1930 até a década de 1970, quando as pessoas devido aos prejuízos causados pela geada de 1975 e pela modernização do processo produtivo se viram obrigadas a abandonar a zona rural.

Este vídeo-documentário nasceu com objetivo de contribuir com a produção de registros para o acervo histórico a cerca de sua colonização do norte e noroeste paranaense, especialmente de Sarandi. E foi o antagonismo entre os tempos áureos do vilarejo e o abandono do presente, que buscamos motivação para encontrar alguns dos pioneiros que ajudaram a constituir o patrimônio e sua memória. A maioria deles inclusive não vive mais no local.

A vila atualmente se restringe a morada de poucos sarandienses e quase nenhum remanescente do período em que o “XV” escreveu seu nome na história do noroeste do Paraná. Hoje, o local é uma área desprivilegiada na cidade de Sarandi e somente uma pequena parcela da população tem conhecimento de sua relevância histórica para o desenvolvimento da região noroeste do estado.



## **OBJETIVO**

O objetivo principal deste trabalho é produzir referências históricas referente à história de Sarandi e do noroeste paranaense, através dos relatos das experiências de seus colonizadores. Para enriquecer a produção as pessoas selecionadas para prestar colaboração pertencem a classes sociais distintas e em alguns casos desempenharam atividades diferentes no período em que viveram em Vera Cruz. Para embasar os depoimentos dos pioneiros buscou-se declarações de pesquisadores especializados na área, como geógrafos e historiadores. O conteúdo reunido veio a auxiliar nas definições das diretrizes do vídeo, bem como comprovou a relevância de uma produção dessa natureza.

## **JUSTIFICATIVA**

A escolha do tema do projeto veio devido à escassez de documentos referente à colonização da cidade de Sarandi. O interesse pelo local se iniciou no ano de 2008. A ideia foi registrar os depoimentos dos moradores mais antigos, visando à preservação da história do patrimônio. A “venda” do XV, como eram chamados os armazéns de secos e molhados, foi objeto de pesquisa para elaboração a princípio para uma matéria de jornal desenvolvida pelo grupo, e posteriormente surgiu a oportunidade de aprofundar a pesquisa e transformá-la em vídeo. Afinal, a construção que se mantém como quando foi construída no ano de 1937, permanece intacta, enquanto uma série de demolições de prédios como esse se estende pela região.

Procuramos não vincular no projeto questões ligadas a políticas ou quaisquer outras que não objetivassem a preservação da identidade local. Desde o início houve a preocupação em garantir a todos os entrevistados que não tivessem sua privacidade invadida em nenhum momento e principalmente, que eles se sentissem a vontade para falar do período do qual eles ajudaram a construir e marcar na história da colonização da região noroeste do estado do Paraná.

## **AFINAL, O QUE É DOCUMENTÁRIO?**

A peça foi feita para avaliação da disciplina Produção de Documentário do currículo do curso de Comunicação Social, assim a discussão sobre a definição de documentário e principalmente a questão ética que envolve esse gênero audiovisual antecedeu e direcionou a produção do vídeo.

A definição de documentário é polêmica e, portanto, possui várias versões. Para Bill Nichols todo filme é documentário, pois “mesmo a mais extravagante das ficções evidencia a cultura que a produziu e reproduz a aparência das pessoas que fazem parte dela (Nichols, 2005, p.26). O autor defende inclusive a existência de dois tipos de filme: O documentário de satisfação de desejos; e o documentário de representação social.

O documentário de satisfação de desejos são o que normalmente chamamos de ficção. Eles expressam desejos, medos ou projeções baseados em nossa realidade que podem se tornar realidade ou não. “São filmes cujas verdades, cujas idéias e pontos de vista podemos adotar como nossos ou rejeitar” (NICHOLS, 2005, p.26). Já o documentário de representação social tem como objetivo tornar visível e audível a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e organização realizada pelo documentarista.

Em outro ponto de vista, Fernão Ramos ao falar de ética não considera filmes de ficção como documentário. Segundo ele “a questão ética no documentário possui, portanto, uma premência que não existe no campo da ficção” (RAMOS, 2008, p. 34).

Por se tratar de um resgate histórico buscamos seguir conceitos de responsabilidade na produção do documentário, já que “o documentário é a forma mais desenvolvida de elaboração cinematográfica depois do longa-metragem narrativo e provavelmente a mais respeitada” (TURNER, 1997, p.41). Sendo assim, procuramos não somente captar imagens a esmo. Sabíamos que do outro lado haviam atores de uma história real e portanto respeitá-los iria repercutir sobretudo na qualidade do material.

A respeitabilidade no documentário pode ser atribuída ao seu caráter educativo, presente na obra de John Grierson, idealizador e principal organizador da escola inglesa e do movimento do filme documentário. Como o documentário era pensado, já na década de 1930, como alternativa para ampliar o conhecimento da sociedade que se adequava aos aparatos tecnológicos da comunicação moderna, Grierson acreditava que, na sociedade moderna, “o coração e a mente do cidadão comum não estavam mais disponíveis para a educação tradicional e estavam sendo conquistados pelos meios de comunicação de massa – jornal, rádio, cinema e propaganda” (DA-RIN, 2006, p. 68). Sendo assim, dentro da relação entre documentarista e entrevistado é necessário um posicionamento ético, e um teste decisivo dessa postura é o princípio do consentimento informado.

“O princípio é fortemente embasado na antropologia, na sociologia, na experimentação médica e em outros campos, afirma que se deve falar aos participantes de um estudo das possíveis conseqüências de sua participação” (NICHOLS, 2005, p. 37).

Ao analisarmos a questão ética precisamos considerar os três sujeitos envolvidos no processo de significação, o personagem, o documentarista e o espectador, onde nem sempre o que entrevistado quer falar atende as expectativas do documentarista, e o que o espectador vai absorver do documentário vai variar de acordo com a visão de mundo de cada sujeito. Desta forma concordamos com a seguinte definição de Ramos sobre o que pode ser ética dentro do campo do documentário:

Chamamos de ética um conjunto de valores, coerentes entre si, que fornece a visão de mundo que sustenta a valoração do sujeito nesse mundo.[...] a ética compõe o horizonte a partir do qual cineasta e espectador debatem-se e estabelecem sua interação, na experiência da imagem-câmera/som conforme constituída no corpo-a-corpo com o mundo, na circunstância da tomada. [...] A ética do documentário tem em seu coração o embate com o mundo, conforme existiu na tomada pelo espectador e conforme se lança para a fruição através da antevisão da articulação narrativa. (RAMOS, 2008, p. 33-34).

Podemos dizer que o documentário trata do esforço de nos convencer, persuadir ou predispor a uma determinada visão do mundo real em que vivemos. O documentário não recorre primeira ou exclusivamente a nossa sensibilidade estética, ele pode divertir ou agradar, mas faz isso em relação ao esforço retórico ou persuasivo dirigido ao mundo social existente. O documentário não só ativa nossa percepção estética, como também ativa nossa consciência social (NICHOLS, 2005, p.102).



## MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Entre os principais modos de se fazer cinema documentário apontado por Bill Nichols em seu livro *Introdução ao documentário*, este se encaixa no modo participativo, que tem como principal característica a interação entre o documentarista e o tema. Desta forma, na pré-entrevista realizada com os possíveis personagens, buscou-se evidenciar aos entrevistados o comprometimento dos produtores com a imagem dos mesmos e a preocupação em realizar o resgate da história local da melhor forma possível. Assim, foi mostrado aos personagens que colheríamos seus depoimentos, utilizando uma linguagem que se aproximasse de sua realidade a fim de eles se sentissem a vontade para contar suas histórias sem formalidades.

A surpresa foi a uniformidade das declarações, o que nos indicou a coerência das informações que se confirmavam e principalmente a dinâmica que a cultura impõe a cada período histórico distinto.

Para a captação da imagem e do som nosso dispositivo técnico foi adequado da seguinte forma: colocamos o entrevistado diante da câmera fixa e o entrevistador ao lado da mesma, de maneira que o entrevistado olhe para o entrevistador enquanto relata. O detalhe fica por conta do ambiente, que em todos os casos foram definidos por eles, em geral em suas casas. Utilizamos planos móveis mostrando a gravação dos locais alternados com fotos colhidas no acervo dos próprios familiares ou do poder público.

A edição do projeto traz uma sequência para prender à atenção do telespectador, isso foi facilitado pelo uso das câmeras e pela diversidade de imagens captadas em todos ambientes de gravação, resultando em 15 horas de imagens brutas que foram transformadas em um documentário de 38 minutos. Quanto à produção técnica, foram utilizadas câmeras DV-500, microfone bum (palito), além de equipamentos profissionais para edição<sup>8</sup>.

## DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Como explica o pioneiro Hermelindo Vignoto “o nome do XV era Vera Cruz”, o patrimônio ficou popularmente como “XV”, pois ficava no km 115, distância entre o local e a cidade de Londrina. Para a realização do vídeo foram realizadas entrevistas com oito pioneiros e três professores de história da Universidade Estadual de Maringá (UEM) de acordo com a agenda dos entrevistados durante os meses de maio e junho de 2010.

O roteiro da entrevista com os pioneiros buscou conhecer como os mesmos chegaram até a região e por qual motivação, as dificuldades encontradas no início, como eram os costumes da época, além de fatos marcantes que eles gostariam de comentar. Já entrevista com os professores abordou o processo de migração nas décadas de 1930 e 1940, a colonização e o desenvolvimento do norte do estado paranaense, além de particularidades sobre a cidade de Sarandi e o patrimônio Vera Cruz em específico.

A peça começa com breves definições dos pioneiros sobre o tempo em que moraram no patrimônio, seguido das principais lembranças, destaca-se entre elas a solidariedade entre os moradores, as festas da igreja, os bailes, os jogos de futebol, as missas e as rodas de conversa. Em seguida cada personagem relata a chegada no noroeste do Paraná, que em linhas gerais foi motivada pelo preço dos lotes e a grande publicidade, tanto do Estado como da Companhia de Terras Norte do Paraná, da grande produtividade das terras.

---

<sup>8</sup> Vale salientar que devido as condições de envio a quais devemos submeter o material para o Expocom, não podemos enviar a peça com a qualidade total das imagens. Um pequeno trecho do documentário pode ser visto no Youtube em: <http://www.youtube.com/watch?v=lfKWwBtWUvM>. Ver no anexo as fotos dos bastidores.



O documentário segue com os pioneiros descrevendo as principais dificuldades encontradas na região de mata fechada, que não contava com nenhuma infra-estrutura. Neste ponto do documentário é interessante ressaltar a participação dos professores de história que alertam para não se criar a falsa impressão de que a região era inabitada antes da chegada desses pioneiros, lembrando que além da população indígena, alguns desbravadores chegaram à região antes da década de 1930 e do loteamento realizado pela Companhia de Terras, mas não são mencionados na história oficial.

Entre os relatos sobre as principais formas de diversão da época que eram os jogos de futebol e as festas organizadas pela igreja temos o depoimento emocionado sobre os primeiros moradores da região. Outro aspecto interessante do vídeo documentário é que ele elucidada de forma mais detalhada os motivos do atual abandono do vilarejo que costumasse atribuir apenas a geada negra de 1975.

## **CONSIDERAÇÕES**



Os depoimentos colhidos para o documentário cumprem com o objetivo de retratar um pouco da história do local. Ao mesmo tempo em que traz informações para os que não conhecem a região, os relatos também emocionam os que tiveram relação com a colonização do local. Isso pode ser observado quando o vídeo foi apresentado para os pioneiros, professores e familiares. Para nós ficou ainda mais evidente a importância de conhecer o passado para compreender o presente, para assim, projetar o futuro.

## **REFERÊNCIAS**



- DA-RIN, Silvio. **Espelho Partido. Rio** de Janeiro: Azougue, 2006.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. São Paulo: Papyrus, 2005.
- RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas Afinal...o que é mesmo documentário?**. São Paulo: Senac São Paulo, 2008.
- TURNER, Graeme. **Cinema como prática social**; tradução de Mauro Silva. São Paulo: Summus, 1997.

ANEXO  
Fotos dos bastidores



